


# FOLHA INFORMATIVA

www.conquistasdarevolucao.blogspot.com



## ASSOCIAÇÃO CONQUISTAS DA REVOLUÇÃO

Nº 39 . FEVEREIRO . 2025

# DEFENDER A LIBERDADE E A DEMOCRACIA

Aí está, novamente, a ameaça do medo e do fascismo. De outros modos e práticas. Os "imigrantes ilegais" a serem expulsos, com correntes a prenderem as mãos de brasileiros ou mexicanos, ou de outras nacionalidades. Trump, CIA e soldados a fazerem lembrar aquele homem a quem chamavam "O vermelho", na rua central de uma vila transmontana, a arrastar os pés, presos por correntes, com dois homens da GNR de então, na década de 1950, a cercá-lo, com as espingardas empunhadas. Era um homem generoso que abria as tulhas da sua casa para quem tinha fome. Aí estão, na memória do fascismo e da PIDE, os lutadores clandestinos, os antifascistas organizados, os assaltos às casas para prenderem resistentes a Salazar.

**E**ra um homem corajoso que atravessava a praça, cabelo branco e porte digno, a ir trabalhar no seu gabinete de solicitador, ainda na década de sessenta. Às tantas da madrugada, assaltavam-lhe a casa e levavam-no para a prisão do Porto, para interrogatórios e torturas. Na parte final do fascismo de Salazar e Caetano recolheu muitas assinaturas contra a guerra colonial, entre outras actividades.

Numa dessas prisões, o filho deixou de ir à escola e foi para casa de gente da família, algures.

Aí está a memória de uma ida a Mirandela e ver na estrada uma inscrição feita por jovens, de madrugada: "Viva Humberto Delgado". 1958. Eleições para a presidência da República, as últimas no regime odiado. Depois passaram a fazer sozinhos esses roubos e traficâncias.

Em 1969, a CDE – Comissões Democráticas Eleitorais, em todo o país, foi o caminho para muitos milhares de jovens, de homens e mulheres, abrirem as portas à organização de Comissões de Base, na luta pelos direitos à liberdade e à democracia, à intervenção sindical e associativa, à realização de sessões de esclarecimento,

---

**Modesto Navarro**

*Vogal da Direcção*

---

de greves em empresas e sectores de trabalho, na conquista de direitos, de experiências de coragem, saberes e mudanças. Foi o 3º Congresso da Oposição Democrática, foram a classe operária e grandes dirigentes da clandestinidade a organizar lutas, foi o terreno que se abriu para que, nas forças armadas, surgissem homens que se organizaram e foram determinantes para abrirem, com os trabalhadores e populações, essa Aliança POVO-MFA que teve no General Vasco Gonçalves um dos expoentes maiores para a Revolução de 25 de Abril de 1974 se afirmar e vencer em frentes fundamentais dos nossos objectivos e sonhos.

Aí estão a resistência aos fascistas e os combates necessários a abrirem caminhos de intervenção em defesa da democracia e dos direitos à dignidade e à liberdade que merecemos e conquistámos. A memória vale muito, para fortalecer as lutas, para propiciar novas organizações de esclarecimento e de mobilização para a coragem de vencer os que querem destruir o que é decisivo para o futuro do nosso povo e de outros povos.



## Descolonização e Luta pela Paz, Urgência do tempo presente

### Caros Associados

**N**a anterior Folha Informativa (FI) deixei o registo da programação de atividades da ACR. Ali se faz um esboço do que será a nossa atividade em 2025. Desta feita escreverei sobre o que entretanto fizemos e da atividade programada que respeita mais à vida interna da nossa Associação.

No passado dia 23 de novembro, na Casa do Alentejo em Lisboa, realizamos uma sessão debate sobre a "Perenidade da Luta contra a Guerra, Urgência do presente"<sup>1</sup>. Foram palestrantes convidados o nosso associado e



**Jorge Aires**  
*Presidente  
da Direcção da ACR*

Presidente do Conselho Fiscal Professor Avelãs Nunes, o nosso associado Major general Pezarat Correia e o Professor Rui Pereira. Foram comunicações que, juntamente com a alocação e texto que preparei para a iniciativa, registaremos em papel e oportunamente editaremos em formato a decidir. Desde então, os desenvolvimentos da situação internacional, nomeadamente o que se passou na Síria e continua a passar em Gaza e na Ucrânia e as notícias que nos chegam dos Estados Unidos da América conferem à temática da luta contra à guerra e a favor da Paz uma centralidade incontornável no delinear do que fazer. Foi com

esse fundamento que nos integrámos no grande desfile do Cais do Sodré ao Rossio que decorreu em Lisboa a 18 de janeiro sob o lema "Todos juntos pela Paz! É urgente por fim à guerra!"

<sup>1</sup> [chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpglclefindmkaj/https://www.conquistasdarevolucao.pt/Docs\\_Dist/23\\_NOV2024\\_ENCERRAMENTO.PDF](chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpglclefindmkaj/https://www.conquistasdarevolucao.pt/Docs_Dist/23_NOV2024_ENCERRAMENTO.PDF)



Na última reunião de Direção foi decidido dar acesso público ao filme “Varela Gomes – um olhar próprio”<sup>2</sup> que podem ver no nosso canal do Youtube.

Não foi possível realizar a nossa Assembleia Geral programada para final de 2024, foi convocada para 6 de fevereiro, pelas 17h00, na sede da ACR e tendo como ponto central da agenda o “Plano de Actividades e o Orçamento para o ano de 2025”.

A nossa página está em mudança. O novo formato, concebido pela Telma Foito, membro da nossa Direção entrou em utilização a 20 de janeiro, data em que vos escrevo.

O monumento ao nosso patrono, “O companheiro Vasco”, continua a fazer progressos. Brevemente estará à venda uma réplica em madeira do monumento. Será um artigo para colecionadores e não só. Sabemos que o preço de venda é elevado mas apelamos à vossa compreensão para o facto de se tratar de uma peça assinada pelo Arquitecto Álvaro Siza, nesta primeira edição limitada a 50 unidades, e cujo preço de venda foi estabelecido para permitir aumentar o saldo da conta de apoio à construção do Monumento. Estamos em condições de reatar os contactos com o fornecedor do mármore, identificar o artista que vai implantar os encaixes das várias peças que constituem o Monumento, realizar ensaios de robustez, prosseguir com o fabrico de todas as peças e dar forma ao monumento para ser transportado e instalado onde a Câmara de Lisboa connosco acordar, depois de romper com o silêncio absolutamente absurdo que sobre a matéria mantem. Não realizámos ainda a reunião da Comissão de Honra e da Comissão Executiva para fazermos um ponto de situação e darmos um novo impulso ao projeto, mas reuniremos no futuro próximo.

**Até breve.**

**Saudações de Abril, sempre!**

---

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=TT8vRQL7rRE>

# O AUMENTO DOS SALÁRIOS, A MAIS PODEROSA FERRAMENTA PARA COMBATER A DESIGUALDADE

**Tiago Cunha**

**D**ezanove grupos económicos acumularam 32 milhões de euros de lucros líquidos por dia (já depois de impostos). Os dados dizem respeito aos primeiros seis meses de 2024. Só para os cinco maiores bancos foram mais de 14 milhões ao dia, prontos a serem distribuídos sob a forma de dividendos.

Da riqueza criada no nosso país que é apropriada pelo capital, 0,3% das empresas (as grandes) ficam com 41% do total que vai para as sociedades do sector não financeiro.

Já quanto aos trabalhadores, no final de Novembro, 2,6 milhões (61% do total) recebiam um salário bruto base (ainda antes de impostos) inferior a 1.000€ mensais. Quanto aos perto de 2 milhões de pensionistas recebiam, dados de Dezembro, uma pensão que era, em média, de 585,93€.

Esta profunda desigualdade está ausente do discurso público quando se coloca a necessidade do aumento geral e significativo dos salários. Os salários, as con-

dições de trabalho, bem como a reforma e a qualidade de vida dos reformados, são não assuntos na comunicação social dominante, seja a que nos entra casa através da televisão, seja a que anda sempre connosco no telemóvel e redes sociais. E quando são tratados, vêm envoltos numa narrativa que pretende inculcar a ideia da impossibilidade da elevação das condições de vida.

Serve tudo para naturalizar níveis de acumulação que são económica e socialmente insustentáveis. Como por magia, desaparece qualquer relação entre os lucros de muito poucos, e os baixos salários e pensões de tantos.

Os mesmos que repetem até á exaustão a impossibilidade do aumento geral e significativo dos salários, vangloriam-se e enaltecem os bons resultados da banca ou da grande distribuição, das empresas das comunicações e do sector energético. Enfatizam que o que faz falta são mais grandes empresas, escondendo que muitas delas não criam qualquer valor, apenas se apropriam do criado noutras áreas pelo "poder de mercado" que o poder que têm so-



bre sucessivos governos e sobre os meios de difusão e criação de ideologia lhes proporcionam.

Os 32 milhões de euros por dia de dezasseis grandes grupos económicos e financeiros equivalem a um aumento mensal (a 14 de meses) de 176€ para os 4 milhões e 792 mil assalariados do nosso país.

A reivindicação de um aumento de pelo menos 15%, nunca inferior a 150€ de todos os salários apresentada pela CGTP-IN, representa cerca de 10 mil milhões de euros, que compara com os 23,8 mil milhões de euros apropriados por 1 550 empresas (as tais 0,3% que ficam com 41% dos lucros).

É a opção política deste e de anteriores governos que está na origem da negação do aumento significativo dos salários. Uma política que colhe nos ditames da UE fundamento e força para privilegiar e pro-

mover os dividendos dos accionistas de 19 grandes grupos que vêem os seus lucros diários duplicar em relação a 2021 (com a banca a triplicá-los), em prejuízo dos 4,7 milhões de trabalhadores e dos 2 milhões de reformados.

Ao invés da protecção dos grandes accionistas das grandes empresas e dos seus insustentáveis lucros, o que o país precisa é de uma política que tenha em conta as necessidades dos assalariados, dos pensionistas e das suas famílias e da satisfação de necessidades que continuam por efectivar num contexto de aumento exponencial de alguns bens e serviços.

Uma nova política alicerçada nos valores e conquistas da Revolução, que tem no aumento dos salários um elemento central para elevar as condições de vida, combater as desigualdades e promover o desenvolvimento económico do país.

# OS “CIVILIZADOS” CÚMPLICES DA BARBÁRIE

**José Goulão**

**A** chacina continua perante os olhares complacentes de grande parte do mundo e a complacência, colaboração activa e verborreia inconsequente, hipócrita, do “nosso ocidente”, a nossa civilização “superior e incontestável”, o nosso “jardim” cercado pela “barbárie”

Entre os “bárbaros” estão, por definição, os palestinianos, povo contra o qual está em curso uma operação de limpeza étnica, no limite de extermínio. E que não haja dúvidas quanto a isso, mesmo que os nossos dirigentes clamem que estamos apenas perante uma disputa territorial onde, acima de tudo, é necessário respeitar o “direito à segurança” e à “existência” do Estado de Israel, como também prega a todo o momento o tentacular e monstruoso aparelho globalista de info-propaganda.

O Estado de Israel é “a defesa da civilização ocidental” e dos “interesses ocidentais” no Médio Oriente, como ainda há poucos dias proclamou o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, um psicopata, um assassino em série que ninguém à face da Terra tem coragem para o obrigar a pagar pelos seus crimes.

Por isso a chacina continua. Em Gaza e restantes territórios palestinianos ocupados, no Líbano, na Síria, agora no Irão – si-

tução em que, pela primeira vez, o caso fia mais fino para os esbirros sionistas.

## “DOIS ESTADOS” – UMA MIRAGEM

Enquanto isso, a solução adaptada pelo direito internacional para instaurar a paz no Médio Oriente, a implantação de um Estado árabe ao lado do Estado de Israel, é uma perspectiva cada vez mais longínqua, ou mesmo irrealizável porque o expansionismo incontido do regime sionista já tornou praticamente impossível a criação de um Estado Palestino independente e viável.

No meio dos trágicos dados quotidianos sobre a mortandade que atinge quase em exclusivo os justos e inocentes – a realidade mais elucidativa sobre o facto de estar em curso o extermínio programado de um povo – presta-se reduzida atenção ao conceito e essência da doutrina sionista, o ideário messiânico e escatológico que domina o Estado de Israel e que não contempla qualquer outra versão que não seja a existência de um Estado hebraico em toda a Palestina; e, a prazo, um Estado abrangendo as terras do Nilo ao Eufrates – o Grande Israel que o deus do selvático Antigo Testamento teria prometido a Moisés há mais de três mil anos, historietas mirabolantes e doentias que são o cerne do programa “político” da entidade sionista. Um suposto país que, na prática, não se considera deste mundo e não tem de obedecer às leis terrenas.





### **DOCTRINA COM RAÍZES FASCISTAS**

O sionismo foi fundado no último quartel do século XIX por judeus europeus – asquenazes – como base para um Estado colonial de “contornos ocidentais” a instaurar na Palestina, que definiam como uma “terra sem povo para um povo sem terra”, ou então repleta de povos “bárbaros” a expulsar. O carácter “secular” da doutrina era um gato escondido com a cauda de fora – a raiz religiosa nunca deixou de ser dominante até que em 1925 se afirmou sem tibiezas a facção do “sionismo revisionista”, o ideário da supremacia religiosa judaica a exercer no Médio Oriente. O fundador e autor do suposto “cisma” foi o fascista ucraniano Volodimir Jabotinsky, que não teve qualquer pudor em fazer crescer o seu movimento à sombra do fascismo mussoliniano, onde nasceram e medraram os movimentos terroristas e as figuras como Menahem Begin, fundadores do Estado de Israel e, no caso deste último, futuro primeiro-ministro da entidade sionista.

O secretário e herdeiro político de Jabotinsky – nome dado à principal avenida de Jerusalém Ocidental – foi Benzion Netanyahu, pai do actual primeiro-ministro, ocupante do cargo durante quase todos os últimos 30 anos, Benjamin Netanyahu. O grupo em torno deste criminoso compulsivo

conseguiu tornar dominante e totalitária a versão mais ortodoxa e sanguinária do sionismo a partir do assassinio do primeiro-ministro Isaac Rabin, em 1995 – por ele patrocinado. Uma doutrina que, invocando o Holocausto a cada passo, mais não é do que uma reedição do Holocausto, tendo agora como alvo os palestinianos em particular e os árabes em geral, semitas como os hebreus. O sionismo é, portanto, a mais antisemita das correntes hoje existentes.

E que não se confundam os judeus com o sionismo, doutrina com a qual talvez a maioria dos judeus étnicos e religiosos de todo o mundo não se identifiquem, distanciando-se assim das chacinas praticadas abusivamente em seu nome.

O sionismo, principalmente o que está no poder no chamado “Estado de Israel”, entidade que alega afinidades “ocidentais” que o Ocidente não repudia, não aceita outra solução que não seja a “final” que Hitler tentou levar às últimas consequências. Tenhamos em conta que cada dia que passa, cada assassinio cometido pelas tropas ou colonos sionistas são passos para a limpeza étnica ou extermínio do povo palestiniano. Os nossos dirigentes e os nossos agentes de info-estupidificação sabem-no mas não o denunciam. São os “civilizados” cúmplices da barbárie.



# PREGAR A PAZ PARA SUSTENTAR A GUERRA

---

---

**Anabela Fino**

---

---

**O** discurso securitário que vem dominando as intervenções da União Europeia, logo reproduzido à escala nacional por governantes bem adestrados e replicado *ad nauseam* pelos órgãos de comunicação social do sistema, procura impor a ideia de que o mundo está à beira de uma III guerra mundial devido à ameaça do 'grupo' China, Irão, Coreia do Norte e Rússia, o "quarteto do caos", como lhe chamou a revista *The Economist*, ou o novo "eixo do mal" ou "eixo do ódio", na designação do *New York Times*.

A lavagem ao cérebro, porque é disso que se trata, assumiu tais dimensões que o negócio dos abrigos (?) nucleares ressuscitou das cinzas, e Mark Rutte, o holandês que agora serve de mordomo na NATO, se sentiu à vontade para defender o desvio de verbas gastas em pensões, Segurança Social e na saúde para a defesa, isto é, para o sector armamentista, alegando que "é hora de mudar para uma mentalidade de guerra".

Fora do relato dos media dominantes/dominados fica a realidade dos factos: as últimas décadas do século XX ficaram marcadas, só para citar alguns exemplos, pela guerra dos EUA contra o Vietname (1965), pela invasão do Panamá pelos EUA (1989),

pelo ataque da NATO à Jugoslávia (1999), e no que vai de século XXI são pelo menos sete as guerras conduzidas ou apoiadas pelos EUA, tanto com presidentes democratas como republicanos: Afeganistão, Iraque, Síria, Sudão, Líbia, Iémen, Palestina.

A realidade é que os EUA, seja com presidentes democratas ou republicanos, invadem, atacam, assassinam dirigentes internacionalmente reconhecidos, destroem países, apoiam líderes fantoches que lhes prestem vassalagem. Fizeram-no desde sempre ao longo da sua história. Impunemente. Cometendo crimes e criando tribunais cuja jurisdição impõem aos outros e não reconhecem para si próprios.

Biden saiu da Casa Branca com o genocídio de Gaza nas mãos e as ditas democracias europeias questionam-se como foi possível o regresso de Trump com a sua MAGA – Make America Great Again.

"A raiva daqueles que ficaram para trás na economia, os medos e preocupações de uma classe média sitiada e insegura, e o isolamento entorpecedor que acompanha a perda de um sentido de comunidade, serão o fermento de um perigoso movimento de massas. Se essas pessoas desapossadas não forem reintegradas na sociedade, se acabarem por perder toda a esperança de encontrar empregos bons e estáveis e oportunidades para si próprias e para os seus fi-



lhos – em suma, a promessa de um futuro melhor – o espectro do fascismo americano irá assolar a nação. Este desespero, esta perda de esperança, esta negação do futuro, levou os desesperados aos braços daqueles que prometeram milagres e sonhos de glória apocalíptica.”

As palavras são do jornalista e escritor norte-americano Chris Hedges, em “Fascistas Americanos”, de 2007, mas podem aplicar-se à União Europeia, onde a extrema-direita ganha cada vez mais terreno.

Num artigo recente publicado em *investigation.net*, Hedges denuncia o que as instituições e os *media* corporativos da UE se esforçam por mitigar: “Trump não anuncia o advento do fascismo. Trump anuncia o estalar do verniz que mascarava a corrupção no seio da classe dominante e o seu simulacro

de democracia. Ele é o sintoma, não a doença. A perda das normas democráticas básicas começou muito antes de Trump, abrindo caminho para o totalitarismo americano”.

As alegadas preocupações com a paz e estabilidade na Europa, as indignações com as ameaças de Trump à Gronelândia, Canadá, México, Panamá, cobichados para o redil dos EUA, são de uma hipocrisia sem limites. A diferença em relação aos ataques ao Iraque, Síria ou Líbia é que aqueles ‘são dos nossos’. Nada que incomode ou pare os inquilinos da Casa Branca. É a essência do imperialismo, que não hesita em sacrificar vassalos e aliados se tal for necessário para garantir a sua hegemonia.

É por isso mesmo que a luta pela paz, urgente e imprescindível, tem de ser anti-imperialista.

# PARA ONDE VAI A SAÚDE?

Joaquim Judas

**A** Constituição da República aprovada 2 de abril de 1976, não se limitou a reconhecer o Direito à Saúde, atribuiu ao Estado a responsabilidade de garantir esse Direito e definiu o instrumento em que essa garantia se deve sustentar: O Serviço Nacional de Saúde.

A iniciativa revolucionária das massas, assente na Aliança do Povo com o MFA, permitiu, no imediato, grande progresso no acesso da população a cuidados de saúde.

Esse impulso revolucionário foi decisivo para que o SNS tivesse existência legal e levou a uma melhoria radical do estado de saúde da população nos últimos 50 Anos.

O Serviço Nacional de Saúde, através dos seus Hospitais e Centros de Saúde, é, ainda hoje, o mais acessível, maior e mais sofisticado prestador de Cuidados de Saúde. É nele que se realizam os tratamentos mais complexos e dispendiosos. É nele que se encontra a obrigação de dar assistência a quem o procura.

O Capital monopolista, recuperado da amarga derrota sofrida com a perda do seu principal apoio, a ditadura fascista, olhou desde início para a Saúde como uma proveitosa oportunidade de negócio.

A sua estratégia desenvolveu-se em dois eixos.

Através de um deles fomentou chamada "externalização" de atividades de suporte à prática clínica. O Estado compra a

empresas privadas serviços, atividades e recursos que são essenciais para cumprir a sua missão de garante do direito à saúde.

É assim na construção e manutenção de edifícios, no fornecimento de equipamentos e instrumentos, medicamentos, segurança, refeitórios, higiene e limpeza, recursos humanos, redes informação, na gestão e consultadoria, nos serviços financeiros, etc.

O outro eixo de ação do Capital tem consistido na consolidação e alargamento da sua influência na área clínica, como prestador direto de cuidados de saúde. Nesse sentido fomentou o incremento de consultórios, clínicas e hospitais privados em todos os nichos proporcionados pelo vazio deixado por um SNS depauperado de recursos próprios. São disso exemplo as cirurgias em atraso, as demoras para consultas de especialidade, as dificuldades no acesso a consulta no próprio dia, os cuidados de enfermagem, os cuidados continuados e paliativos, as consultas ao domicílio, a Medicina do Trabalho, a Medicina Dentária, a Medicina Física e de Reabilitação, a Psicologia, a Imagiologia, a Patologia Clínica (Análises) entre muitas outras. Daí o permanente conflito com os profissionais e a degradação de condições de trabalho que lhes são oferecidas.

Recentemente lançou uma ofensiva no atendimento ambulatório de doença aguda e no acompanhamento de Grávidas, Crianças, Migrantes e outros Trabalhadores Precários.

Em todas as matérias relacionadas com Serviços de Saúde o Capital foi estendendo



a sua rede num processo que passa pela degradação do SNS

Os critérios de Gestão do SNS promovidos pelos governos do PS e do PSD estão orientados para favorecer o domínio do Sistema de Saúde pelo grande Capital.

Atualmente os prestadores PRIVADOS já dominam 70% da prestação de cuidados em Ambulatório.

O domínio pelo grande Capital tem-se traduzido no aumento do custo da saúde

para o Estado e para as Famílias, que asseguram 94,4% do seu financiamento.

O custo da Saúde para as Famílias é enorme. Já são elas que suportam cerca de 30% dos custos de todo o Sistema de Saúde, num processo que se traduz em pagar mais e ser mais mal servido.

Garantir o Direito à Saúde exige o reforço do SNS, o que só é possível com governos que não traiam as Conquistas e os Valores de Abril.

Para melhor podermos comunicar com os nossos associados, solicitamos àqueles que ainda o não fizeram, que nos enviem o seu e-mail para [acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt](mailto:acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt)

O vosso contributo financeiro é indispensável para a actividade da Associação!

**Apelamo-vos, por isso, que puguem a vossa quota!** Podem fazê-lo por transferência bancária para o **IBAN PT50 0035 2178 0002 9245 6304 6** ou por depósito para a conta da **Caixa geral de Depósitos:**

**2178 0292 4563 0.** Sugere-se a visita ao site

[www.conquistasdarevolucao.pt](http://www.conquistasdarevolucao.pt) e ao blogue da Associação

[www.conquistasdarevolucao.blogspot.com](http://www.conquistasdarevolucao.blogspot.com) onde são publicados os comunicados e anunciadas as iniciativas da Associação.

**EDIÇÃO:**

Associação Conquistas da Revolução

**COORDENAÇÃO:**

Modesto Navarro

**E-MAIL:**

[acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt](mailto:acr.secretaria@conquistasdarevolucao.pt)

**DEPÓSITO LEGAL:**

360191/13